



PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS QUE SOFRERAM SITUAÇÕES FAMILIARES CONFLITUOSAS

*Aline Rosangela Borth
Daiani Clesnei Da Rosa*

Linha 10 – Pesquisa acadêmica em Educação.

Resumo: As dificuldades na aprendizagem podem se originar de diversas formas, como situação conflituosa familiar, fator cultural ou violência sofrida pela criança, mas isso não impede a progressão em seu processo de aprendizagem. O presente artigo tem o objetivo de refletir sobre como ocorre o processo de aprendizagem, por meio de pesquisas sobre o tema, na visão de diversos autores. A proposta aqui apresentada visa, também, destacar possíveis métodos que possam auxiliar na reconstrução da aprendizagem da criança.

Palavras-chaves: Processo de aprendizagem; Dificuldades na aprendizagem; Traumas psicológicos; Conflito familiar; Pedagogia Ontopsicológica.

1. Introdução

A presente pesquisa busca respostas à seguinte questão problema: como o processo de aprendizagem se desenvolve e de que forma os traumas psicológicos e físicos, sofridos pelas crianças, podem dificultar esse processo? Esta questão surgiu por meio de percepções durante minha atividade profissional, que levaram a observar o desenvolvimento do processo de aprendizagem nas crianças que sofreram traumas psicológicos ou físicos, que podem levar, muitas vezes, as crianças a apresentarem dificuldades na aprendizagem. Desta forma, busco desenvolver essa pesquisa para perceber de que forma esses traumas podem influenciar a aprendizagem das crianças.

Este trabalho tem como objetivo geral: compreender como o processo de aprendizagem se desenvolve e de que forma os traumas psicológicos e físicos, sofridos pelas crianças, podem dificultar esse processo? Sendo que este objetivo está subdividido nos seguintes objetivos específicos: a) identificar o desenvolvimento do processo de aprendizagem em crianças e jovens; b) pesquisar sobre traumas psicológicos e físicos sofridos por crianças no seu desenvolvimento; c) perceber a relação entre o processo de ensino e o processo de aprendizagem, buscando estratégias de ensino que possam auxiliar a criança a sanar suas dificuldades de aprendizagem.

Para alcançar os objetivos propostos optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, que segundo Demo (2005, p. 113) possui o interesse em “apanhar também o lado subjetivo dos fenômenos” a serem observados. Esta pesquisa se caracteriza como exploratória porque visa uma “melhor compreensão do problema a ser investigado [...] envolvendo revisão de literatura”. Este estudo exploratório busca a documentação como forma de coletar os dados.

Este estudo se classifica como bibliográfico, pois visa realizar a revisão teórica, tendo como propósito “fornecer fundamentação teórica ao trabalho” (GIL, 2010, p. 29). Desta forma, a proposta apresentada está organizada em três categorias, denominadas: I) Processos de Aprendizagem; II) Dificuldades de aprendizagem nas crianças que passam por conflitos emocionais e III) Processo de ensino como possibilidades de auxiliar as crianças a sanar as dificuldades de aprendizagem.

2. Processo de aprendizagem

Ao estudar o processo de aprendizagem foi possível perceber que temos muitos autores que pesquisam essa área e, por meio destas pesquisas, podemos refletir acerca de como atuar com os alunos da Educação Básica. Para Piaget (1975, *online*) no processo de aprendizagem, existem antes, as fases do desenvolvimento infantil, ou seja,

há uma separação do processo cognitivo inteligente em duas palavras: aprendizagem e desenvolvimento e a aprendizagem refere-se à aquisição de uma resposta particular, aprendida em função da experiência, obtida de forma sistemática ou não, enquanto que o desenvolvimento seria uma aprendizagem de fato, sendo este o responsável pela formação dos conhecimentos.

Segundo este autor, desenvolvimento e aprendizagem são diferentes para ele, e que a aprendizagem se dá pelo desenvolvimento e pelas experiências também, quando a criança experimenta algo, ela a passa a conhecer aquilo, ganhando conhecimento, passando a aprender, nisso ainda está ocorrendo o desenvolvimento.

Demo (2001, p. 295), descreve que “ler a realidade não inclui apenas a capacidade formal do manejo do conhecimento, mas sobretudo habilidade de nela intervir como sujeito capaz de história própria”. No que se refere, o ser humano como ser aprendente, está ali se desenvolvendo, deve ser o sujeito de sua própria história. Sendo capaz de atuar na realidade, com conhecimento e habilidade para intervir, pode-se dizer um sujeito mais formado e preparado para realizar tal missão.

Ainda destacando o desenvolvimento do processo de aprendizagem, Castorina (1997, p. 3) destaca que para Piaget “o novo não sai do nada, mas de condições anteriores culturalmente plantadas”. Desta forma, podemos indicar que as vivências do sujeito, pela cultura em que ele está inserido pode influenciar no desenvolvimento de suas aprendizagens. Ele inicia sua aprendizagem, com base na cultura que vive, na cultura que seus pais fazem parte. Ou seja, nada é novo quando a criança inicia suas primeiras aprendizagens, aquilo que ela aprende, é aquilo que já existe, que é passada a ela.

Skinner (1972, *online*) “um sujeito aprende quando produz modificações no ambiente. Isto significa que algo de novo lhe foi ensinado de forma a se tornar mais adaptativo, passando então a ser emitido um novo comportamento pelo indivíduo”. Esta aprendizagem, segundo este autor, traz modificações no ambiente onde o aprendente vive, apresentando como resultado que quando ele aprende e se modifica.

Ao se referir ao conceito de aprendizagem, Oliveira (1993, *online*) coloca que para Vygotsky, “o processo de aquisição de conhecimentos ou ações a partir da interação com o meio ambiente e com o social” promove o desenvolvimento do processo de aprender. Mais uma vez, é dito que o aprender está relacionado com o meio social, cultural em que vivemos.

O ato de aprender, é um direito da criança, e não pode ser violado, conforme o artigo 53 da Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990, onde “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/90).

Contudo, após a exposição de ideias de vários autores, pode-se perceber a importância de ocorrer o processo de aprendizado e que um dos princípios nesse processo, deve ser a prática, para ter um ganho a mais em conhecimento ou para superar dificuldades.

3. Dificuldades de aprendizagem nas crianças que passaram por conflitos emocionais

A partir de histórias de vida de crianças que sofreram maus tratos pela própria família, ou que sofreram bullying pelos colegas de escola, estas crianças podem apresentar decadência no processo de aprendizagem. Este se configura, muitas vezes, por meio de denúncias vindas de escolas que observavam que os alunos além de decair no aprendizado, também começam a mostrar comportamentos diferentes que antes não tinham.

Ao ouvir tais relatos desses profissionais, como Conselheira Tutelar, iniciou-se o desejo de conhecer mais sobre este assunto. Nos momentos que ouvia estas informações, comecei a perceber que parecia ter uma ligação entre a emoção e o aprendizado. Que as crianças que possuíam uma boa convivência com a família e outras pessoas, demonstravam ter um bom aprendizado, e as que viveram conflitos familiares, já não apresentavam o mesmo progresso na aprendizagem.

O contato familiar sadio tem muita importância para o desenvolvimento e aprendizado da criança, segundo um estudo publicado no *Journal of Family Psychology*, da Associação Americana de Psicologia (2013), “as crianças que frequentam festas e reuniões familiares têm mais saúde, melhor desempenho escolar e maior estabilidade emocional”. O SAEB/99 (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), apontou que “nas escolas que contam com a parceria dos pais, onde há troca de informações com o diretor e os professores, os alunos aprendem melhor” (PEDAGOGIA AO PÉ DA LETRA, 2013).

A autora Fernandez (1990) traz uma ideia bem interessante sobre a família estar presente sempre na aprendizagem e desenvolvimento da criança. A família tem papel fundamental de acompanhar a criança e perceber se há alguma mudança de comportamento, se essa criança começa a decair em seu aprendizado. É a partir da visão e observação dos pais, que a criança pode ser encaminhada a um profissional da área. Então é de extrema importância os pais estarem atentos a seus filhos em todos seus aspectos de desenvolvimento, pois: “depende de como a família (signifique) o dano intelectual.” (FERNANDEZ, 1990, p. 38)

De outro lado, a família pode prejudicar de um certo modo a aprendizagem da criança, se ela não respeitar as diferenças de pensamento da criança. Assunto em que faço menção aos estudos de Bowen (*apud* MUNHOZ, 2001, *online*), que classifica as famílias de acordo com o grau de diferenciação e de origem em diferentes tipos: família diferenciada, fusionada e desconectada.

A família diferenciada é a que possibilita a seus membros tornarem-se autônomos e independentes, com um modelo de interação que fomenta o desenvolvimento emocional e intelectual de cada um. Ao contrário, as famílias fusionadas são descritas como dificultadoras do desenvolvimento de seus membros, onde cada um pensa, sente e funciona pelos demais. As famílias desconectadas provocam os mesmos problemas que as famílias fusionadas, mas usam o distanciamento e o isolamento de seus membros como padrão de relação (*apud* BRAGA, 2007, *online*).

Para Munhoz (2001, *online*), os indivíduos das famílias diferenciadas vivem com maior clareza e liberdade suas escolhas, sem excessivas ingerências de suas famílias de origem. Ou seja, isto pode ser importante para o desenvolvimento da criança, em sua aprendizagem e em seu desenvolvimento, quando as crianças têm liberdade de expressão, para conversar, expor suas ideias, preparando-a melhor para a sociedade, pois sua inteligência e seus pensamentos não devem estar aprisionados dentro de si mesma, pois, “nenhuma criança quer ser pequena: todas querem ser mais, como a vida é mais” (MENEGETTI, 2014, p. 197).

Estas ideias falam sobre as famílias que auxiliam as crianças na aprendizagem, resultando em aprendizagens mais significativas. Por outro lado temos as famílias que passam por conflitos emocionais, dentro dos lares, onde não há estabilidade entre eles, desta forma se pode imaginar uma criança que cresce nesse ambiente.

Segundo Geraldo (2016, *online*)

Quando as crianças são envolvidas nos conflitos familiares a situação tende a ficar pior ainda, pois, como elas costumam ser intensas em tudo o que fazem (para elas até o brincar é coisa muito séria), elas não só se vinculam e se preocupam excessivamente com os fatos acontecidos, como também se sentem responsáveis pelas brigas – as crianças acham que o mundo gira em torno delas, portanto é natural que acreditem que as brigas dos pais têm a ver com elas. E com a cabecinha cheia de problemas e o coração intranquilo o interesse das crianças pelos estudos diminui e o baixo rendimento escolar acontece como resultado da dificuldade de aprendizagem e de adaptação.

Pode-se pensar, então, o quão difícil pode ser para uma criança que está se desenvolvendo, está descobrindo o mundo, como as coisas funcionam, tendo que se desenvolver no meio desta difícil e rompida situação familiar. A família é descrita como a primeira estrutura para a criança, conforme Meneghetti (2010, p. 233), “a família permanece a primeira estrutura que constitui a matriz-base para qualquer involução do sujeito.”

Geraldo (2016, *online*), afirma que “os conflitos familiares interferem na dinâmica de toda a família, e as crianças são absurdamente atingidas por isso.” São atingidas em seu desenvolvimento, em sua vida pessoal, em suas brincadeiras, que podem fornecer a interação entre seus amigos e colegas, criando seu meio social. Logo ela é atingida em sua aprendizagem,

mostrando como resultados as dificuldades na escola, que pode, também, acarretar em outros problemas, como bullying produzidos pelos colegas, por não conseguir aprender direito ou no mesmo nível que eles. Assim, podendo gerar vergonha e aprisionando sua inteligência, resultando em bloqueios na aprendizagem.

Em suma, a convivência familiar pode ser bem problemática e difícil para crianças, escola e professores. Estas situações problemas possuem origem, sintomas e também tem solução, assunto que será tratado no próximo tópico desta pesquisa.

4. Processo de ensino: estratégias que podem auxiliar a criança a sanar suas dificuldades de aprendizagem

Ver uma criança com dificuldade de aprendizagem, provoca angústias, tanto para os professores como para a própria criança, uma forma de ajudar nesta missão pode ser o diálogo entre família e escola. Dificuldades na aprendizagem podem ser decorrentes de diversos fatores, como ambiente familiar desestruturado, problemas emocionais, condições precárias de vida, fatores culturais ou pela própria saúde que a criança pode apresentar no momento estar debilitada. Ou seja, as dificuldades na aprendizagem, não partem diretamente de ser uma culpa da criança, mas devido a situação de vida dela.

Segundo Vidor (2014, p.10), “para compreender a criança é necessário partir do lugar de origem de sua vida.” O autor traz a ideia de que partimos do início, a família, onde a criança inicia seu conhecimento, aprende a diversas coisas importantes para a vida dela, muitas vezes, o problema se origina dentro do grupo familiar.

Uma forma que pode solucionar o problema de dificuldades de aprendizagem nos alunos é apresentada por Fernandez (1990, p. 43) que relata sobre “o significado do problema de aprendizagem não deve ser buscado no conteúdo do material sobre o qual opera, mas na operação como tal”. Esta citação trouxe a tona várias histórias vivenciadas por alunos de minha turma, quando dialogamos sobre como fomos ensinados, as formas que utilizaram para nos ensinar e que, muitas vezes, aparentava estar errada para nós naquele momento, pois, não teve êxito, não é que foi errado aquele modo de ensinar, mas cada um é diferente e aprende de forma diferente.

Segundo Soares (2015, *online*), o modo correto a ser trabalhado com as crianças é “usar procedimentos adequados para cada meta, cada objetivo, considerando o ponto em que a criança está, de acordo com o processo cognitivo da criança e sua aprendizagem linguística.” Então precisamos só mudar a forma de ensinar, o conteúdo, mas a forma de como me direciono aquele aluno para ensinar, isso faz a diferença. Sem julgamentos de o porquê ele não está aprendendo e não após um erro dele, pois, talvez na fase de aprendizagem dele, ele esteja correto. Saber esperar o tempo da criança, para poder avançar na fase dele e o auxiliar no que for preciso para ele conseguir avançar.

Também neste mesmo contexto, Fernandez (1990, p. 44) traz o contexto familiar como potência para ajudar na resolução desse problema:

Um diagnóstico poderá começar a ter eficácia para o paciente quando se tiver começado a vislumbrar algo que diga respeito à circulação do amor dentro dos vínculos do grupo familiar. Pois somente desse lugar que, ainda que travado, deslocado ou incipiente, seguramente existe, se poderá começar em pôr em circulação o aprender atrasado.

Sendo assim, o aprender da criança tem ligação com o vínculo familiar, com as emoções. Desta forma, se o vínculo familiar é rompido ou sofreu alteração, logo pode interferir na aprendizagem de modo negativo, fazendo com que o desempenho da aprendizagem decaia ou até causando um bloqueio, e a criança não aprenda mais. Porém quando esse vínculo é restituído novamente, o desempenho na aprendizagem também é restabelecido, e a criança volta a aprender normalmente. Pois, “a aprendizagem é um processo que se significa familiarmente, ainda que se aproprie individualmente”. (FERNANDEZ, 1990, p.116).

Para ajudar a criança a solucionar seu problema na aprendizagem, precisa-se primeiramente, buscar entendê-la, assim como nos refere Parente (2001, *online*), descrevendo que:

[...] é a partir da compreensão do campo de relações do sujeito com o outro e com o objeto de conhecimento que poderemos ajudar a criança a ocupar um outro lugar e, assim, resgatar o prazer da aprendizagem e a autonomia do seu exercício, que permite a emergência de um processo de autoria e apropriação criativa de conhecimentos.

Precisa-se ter cuidado quando ensinar a criança, como apresentar / aplicar o modo de ensinar a ela, como se também se refere Braga (2007, *online*), dizendo que “a modalidade de aprendizagem de um sujeito se constrói pelo modo como os ensinantes reconheceram e desejaram a criança como sujeito aprendente e a significação que o grupo familiar deu ao ato de conhecer.”

Segundo Granato (2003, *online*) o “ensinante-aprendente inicia-se numa relação transfereencial, onde transmite o conhecimento e ocorre uma troca de aprendizado de um indivíduo para outro, que se determina a partir de lugares subjetivos e de uma identificação com o outro.” A relação ensinante-aprendente, precisa existir, para que o aprendizado ocorra, eles precisam se entender, o ensinante deve compreender o indivíduo que está aprendendo, para poder haver o compartilhamento do saber.

Já, Oliveira (1995, *online*) revela alguns dos aspectos fundamentais deste processo, sendo que o fundamental “é perceber o aluno em toda a sua singularidade, captá-lo em toda a sua especificidade em um programa direcionado a atender às suas necessidades especiais”. Novamente, se apresenta a ideia de tratar o aluno, a criança, como único, particular, que não é igual aos outros. Assim, podendo trabalhar naquilo que ele traz, das dificuldades que ele tem, que se originaram no contexto de vida dele. Tratando-o como individual, consegue-se um maior resultado em ajudá-lo na dificuldade de aprendizagem

Também Fernandez (1990, p. 52) traz um aspecto importante a ser lembrado quando ensinar “não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar”. Conforme essa afirmativa, deve-se haver uma boa relação entre o aprendente e o ensinante, sendo que primeiramente o ensinante deve conquistar a confiança do aprendente e após haver uma relação entre as duas partes pode ocorrer a aprendizagem.

Pestalozzi, (1746 - 1827, *online*), ressaltava a “necessidade do educador fazer uma sondagem sistemática do interesse do educando, a fim de conhecer os interesses característicos de cada faixa etária e poder aproveitá-los na orientação do processo de aprendizagem.” Assim podendo estar mais perto do aluno e poder ajudá-lo da melhor maneira.

Portanto, o modo como o ensinante vai agir para com o aprendente, que determinará se foi funcional e eficaz ou não. Este ensinante pode ser os pais, os responsáveis legais ou professores, é aquele que faz parte do processo de aprendizagem daquela criança, ou podem ser todos entrelaçados para ajudar a criança a sanar a dificuldade na aprendizagem.

5. Considerações finais

No presente trabalho foram revistos alguns dos pontos mais importantes de como a família pode ser auxiliadora no processo de aprendizagem, ou por outro lado, em momento pode ser também inibidora do mesmo. A aprendizagem pode decair ou ser rompida, se o aprendente, sofrer alguma alteração emocional no ambiente onde vive, seja por conta da família, ou da escola, com colegas ou professores que não o compreende.

O processo de aprendizagem só é restaurado se o ensinante compreender o aprendente, e mudar o modo de ensinar, dando importância à relação dos dois, como evolução no processo aprendizagem. A dificuldade na aprendizagem, precisa ser entendida, ser olhada com atenção e estudada, pois a origem pode ser diversa, mas com acompanhamento contínuo e ininterrupto, com capacidade de observar qualquer mudança e alteração no processo de aprendizagem, ganha-se a resposta da resolução do problema.

Contudo, após ideias e estudos de vários autores, pode-se dizer que a aprendizagem é de grande importância para a criança, a falta dela, deixa-a incompleta, pode comprometer a relação com o meio em que vive. Enfim, é um direito da criança é deve ser respeitado, deve ser guiado com excelência, pois estas mesmas crianças, serão o futuro de nosso amanhã.

6. Referências bibliográficas

BRAGA, S. S.; SCOZ, B. J. L.; MUNHOZ, M. L. P. Problemas de aprendizagem e suas relações com a família. **Rev. Psicopedagogia**. 2007; 24 (74): 149-159. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/344/problemas-de-aprendizagem-e-suas-relacoes-com-a-familia>. Acesso em: 24 de nov. de 2020.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: www.jusbrasil.com.br/busca?q=Art.%2053%20do%20Estatuto%20da%20Crian%20e%20do%20Adolescente%20-%20Lei%208069%20F90. Acesso em: 20 de nov. de 2020.

BOWLBY, J. **Uma base segura**: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas;1989.

FERNANDEZ, A. **A inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

GRANATO, C. F. H. **A representação do conhecimento e as políticas educacionais: Uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Editora Vetor, 2003.

MENEGHETTI, A. **Uma nova pedagogia para a sociedade futura: princípios práticos**. Recanto Maestro, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2014, p. 74.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia ontopsicológica**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MUNHOZ, M. L. P. **Casamento: ruptura ou continuidade dos modelos familiares?** São Paulo: Expressão & Arte, 2001. Disponível em: <zildinhasequeira.com.br/artigos/conflitos-familiares-x-aprendizagem-dos-filhos/>. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100008 Acesso em: 25 de novembro de 2020.

PEDAGOGIA AO PÉ DA LETRA. A Importância do Meio Familiar no Processo de Aprendizagem da Criança., 2013. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/importancia-familia-aprendizagem-crianca> Acesso em: 23 de novembro de 2020.

PARENTE, S.M.B.A. Aprendizagem: mais além do princípio (...) da realidade. **Revista Construção Psicopedagógica**. 2001; V. 6, p. 26-35.

PIAGET, J. Cómo se desarrolla la mente del niño. *In*: Piaget J. Los años postergados: la primera infancia. Paris: UNICEF; 1975, (2). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100008 Acesso em: 23 de novembro de 2020.

RODRIGUES, G.G.; COPATTI, L.C. Bullying e a violação aos direitos de crianças e adolescentes. **Imed**. Disponível em: <[www.imed.edu.br/Uploads/liviacopellicopatti2\(%C3%A1rea3\).pdf](http://www.imed.edu.br/Uploads/liviacopellicopatti2(%C3%A1rea3).pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2020.

SKINNER, B.F. **Tecnologia do ensino**. São Paulo: Herder; 1972. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100008 Acesso em: 27 de novembro de 2020.